

Valorização de profissional qualificado pode conter queda na desigualdade

Diferença entre salários cairia menos. Pressão inflacionária é outro efeito

Fabiana Ribeiro e
Luciana Rodrigues

Um efeito comparável ao milagre econômico

O problema é que, apesar dos avanços da educação na última década — em 1996, só 16,2% da população brasileira em idade ativa havia completado o ensino médio, hoje são 29,2% — os padrões ainda estão muito longe dos exigidos pelas empresas. Menezes Filho lembra que só 15% dos jovens que nasceram em 1983 (ou seja, hoje com 24 anos) já chegaram à faculdade.

— Esse apagão pode frear a queda da desigualdade. Um efeito comparável ao que ocorreu na década de 70, no "milagre econômico": o país cresceu fortemente, mas a desigualdade subiu muito. Já que houve aumento de salários concentrado em quem tinha mais educação — afirma Marcelo Neri, da Fundação Getulio Vargas (FGV).

E a disputa por profissionais qualificados já aparece nas estatísticas de rendimento. Entre 2004 e 2006, a fatia de 1% mais rico dos trabalhadores (que ganha acima de R\$ 11,321 e que é composta, em geral, pelos mais qualificados) teve aumentos salariais de 13,2%. Ou seja, acima do ganho de 12,1% obtido pela média dos trabalhadores.

— Com falta de investimentos em educação, os mais qualificados passam a ganhar mais. E isso traz pressões para os custos de produção. O que terá de ser repassado para os preços e gerar inflação. E isso pode levar a um freio na redução das taxas de juros. Um cenário que

pode vir a ocorrer em dois anos — prevê José Márcio Camargo, economista da PUC-Rio.

Segundo Rogério Zylbersztajn, da RJZ Cyrela, engenheiros, mestres de obra, carpinteiros e pedreiros devem fazer pressão por remuneração maior diante do aquecimento do setor previsto para os próximos anos:

— As construtoras terão que se preparar para evitar a escassez de profissionais e o consequente aumento dos custos.

Disputado pelo mercado de varejo, o paulistano Edinho Vasques, de 45 anos, trabalhava na Hugo Boss, foi contratado pela grife Colcci e, ao assumir a área de marketing da catarinense Dudalina, onde trabalha agora, teve aumento de renda de 40%.

— Nos dias de hoje, um profissional fica de três a cinco anos numa empresa. A concorrência não permite mais do que isso. Um mês depois de chegar à Dudalina, a Redley me fez uma proposta. Não aceitei por uma questão de ética.

Na outra ponta da pirâmide social brasileira, o desempregado Fernando Carlos Ribeiro, de 46 anos, tem poucas esperanças de conseguir uma vaga com carteira assinada. Ribeiro só completou o antigo primário (atual 5ª série do ensino fundamental) e sempre trabalhou como auxiliar de serviços gerais. Perdeu o emprego há um ano e, desde então, vive de bico:

— Agora, até para auxiliar de serviços gerais, é preciso ter estudo. Quando vou às entrevistas, sempre pedem o 1º grau (ensino fundamental).

Outro efeito perverso da escassez de trabalhadores qualificados é a perda de competitividade das empresas:

— A falta de profissionais disponíveis encarece o investimento e reduz a produtividade, porque a empresa fica sem um corpo de funcionários capaz de se adaptar rapidamente às inovações — afirma Renato da Fonseca, da Confederação Nacional da Indústria. ■

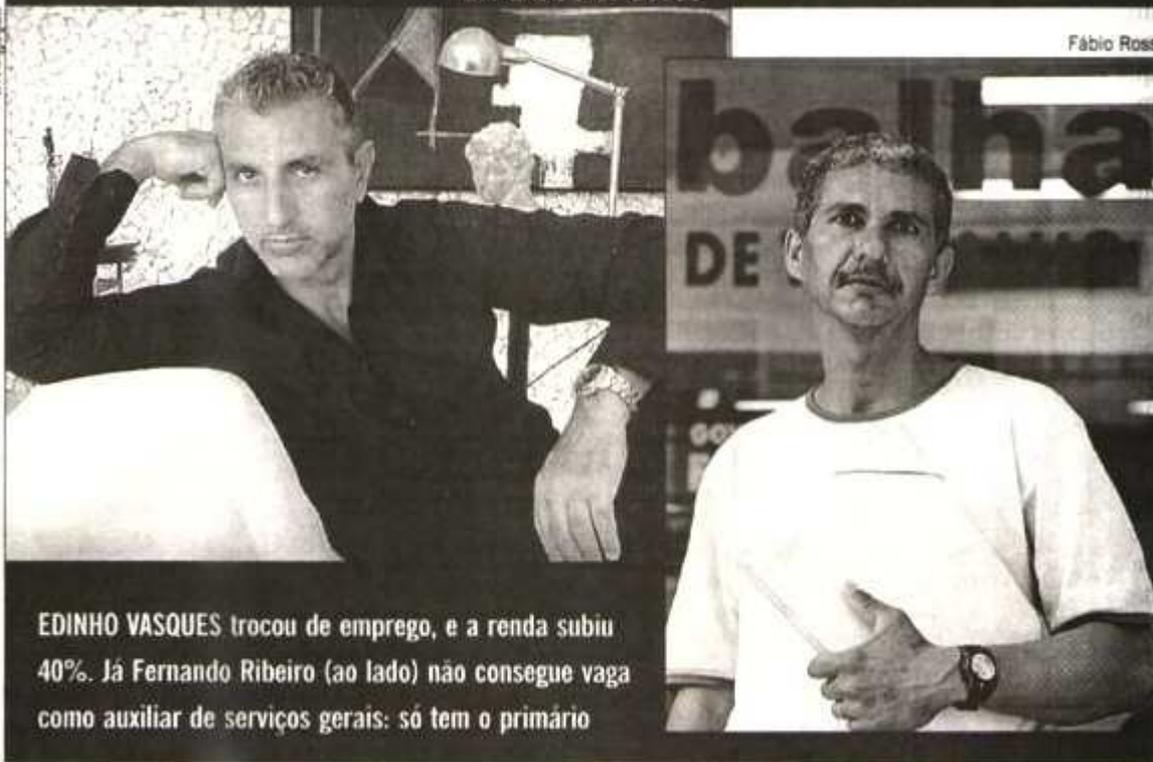
• A infalível lei da oferta e da procura deve garantir bons salários aos profissionais mais qualificados nos próximos anos. Mas isso pode frear os ganhos em distribuição de renda conquistados a duras penas pelo Brasil nesta década, gerar pressões inflacionárias e, ainda, prejudicar a competitividade da indústria nacional. Esse é o cenário traçado por analistas diante da escassez de capacitação.

Com o país crescendo 5% ao ano e poucos trabalhadores especializados disponíveis, haverá efeitos sobre a desigualdade de renda, diz Sonia Rocha, do Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade (Iets). A tendência é que o salário dos mais qualificados suba mais do que a média. Então, a distância entre o topo e a base da pirâmide no mercado de trabalho será reduzida mais lentamente daqui para frente. Um retrato diferente do que ocorreu nos últimos anos.

— Parte da queda recente da desigualdade veio graças a uma maior homogeneização da educação. Há 10, 15 anos, só uma elite tinha educação. O aumento da escolarização dos jovens diminuiu os diferenciais de salário — explica o economista Naércio Menezes Filho, professor da USP e do Ibmec-SP.

EM LADOS OPOSTOS

Fábio Rossi



EDINHO VASQUES trocou de emprego, e a renda subiu 40%. Já **Fernando Ribeiro** (ao lado) não consegue vaga como auxiliar de serviços gerais: só tem o primário



Conheça os números

VARIAÇÃO DE GANHOS POR FAIXA DE RENDA

As faixas de renda mais baixa (cujos ganhos estão mais vinculados ao salário-mínimo) e a parcela dos trabalhadores mais ricos (1%) tiveram variação de renda acima da média nos últimos dois anos

Aumento da renda do trabalho

Por faixa percentual de ganho, das pessoas com 10 anos ou mais que estavam trabalhando



DESIGUALDADE DE TODOS OS RENDIMENTOS CAIU MAIS QUE DESIGUALDADE NA RENDA DO TRABALHO

Índice de Gini Mede a desigualdade. Quanto maior, pior o indicador

NA RENDA DAS PESSOAS DE 10 ANOS OU MAIS, COM RENDIMENTO



NA RENDA DO TRABALHO DAS PESSOAS DE 10 ANOS OU MAIS, COM RENDIMENTO



FONTE: IBGE